

FLUÊNCIA/DISFLUÊNCIA E GESTICULAÇÃO: COMPREENDENDO A AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM DE UMA CRIANÇA CEGA

Renata Fonseca Lima DA FONTE
(Universidade Católica de Pernambuco)
renataflfonte@gmail.com

RESUMO: Este trabalho propõe investigar a relação entre fluência/disfluência e gesticulação de uma criança cega entre um ano e dez meses a dois anos e sete meses de idade, de forma a compreender a aquisição da linguagem numa abordagem multimodal. Para essa investigação longitudinal, analisamos produções vocais e gesticulações da criança cega na interação com a mãe. Inicialmente, as produções vocais da criança foram caracterizadas por fragmentos sonoros monossilábicos, constituídos por blocos prosódicos repetitivos. Ao longo do tempo, as produções vocais foram tornando mais fluentes. Esses dados mostraram que a fala fluente/disfluente relaciona-se com gesticulação de modo integrado e indissociável.

PALAVRAS-CHAVE: fluência; disfluência; gesticulação; aquisição da linguagem; criança cega.

ABSTRACT: *This work aimed to investigate the relationship between fluency/disfluency and gesticulation of a blind child between one year and ten months to two years and seven months old, in order to understand the language acquisition in a multimodal approach. For this longitudinal research, we analyzed vocal productions and gesticulations of the blind in interaction with the mother. Initially, the vocal productions of children were characterized by monosyllabic sound fragments consisting by prosodic repetitive blocks. Over time, the vocal production were becoming more fluent. These data showed that the speech fluent/ disfluent relates to gesticulation in a integrated and inseparable way.*

KEYWORDS: *Fluency; disfluency; gesticulation; language acquisition; blind child.*

0. Introdução

Nos últimos anos, algumas inquietações sobre a linguagem e sua aquisição nas especificidades da cegueira vêm mobilizando-nos a realizar estudos longitudinais sobre o funcionamento da linguagem de uma criança cega a partir de interações cotidianas com a mãe (FONTE, 2009, 2011a, 2011b, 2012). Nesses estudos, concebemos a integração da matriz gesto e fala, na qual há ocorrência de outros planos multimodais: olhar, tocar e prosódico.

Desse modo, distanciando-se da abordagem de continuidade estrutural, defendida por Bruner (1975, 1983), na qual os gestos surgiam no período pré-linguístico, desaparecendo e dando lugar à fala, que emergia no chamado período linguístico da aquisição da linguagem. Nosso trabalho insere-se na perspectiva proposta por McNeill (1985), na qual o funcionamento da língua é multimodal, logo gesto e fala são indissociáveis.

Na perspectiva de funcionamento multimodal da linguagem, gesto e fala formam uma matriz única cognitiva, ou seja, um sistema integrado de significação, conforme sugerem Butcher e Goldin-Meadow (2000); Cavalcante (2009; 2012); Cavalcante e Brandão (2012); Da Fonte et al (2014); Kendon (2000, 2004); McNeill (1985, 1992).

Alguns autores (BUTCHER e GOLDIN-MEADOW, 2000; CAVALCANTE, 2009, 2012; DA FONTE et al, 2014; IVERSON e GOLDIN-MEADOW, 2005; ROWE e GOLDIN-MEADON, 2009) têm ressaltado a contribuição do gesto na trajetória linguística infantil, argumentando sua relação direta com a linguagem e a influência exercida da integração entre gesto e fala na aquisição da linguagem.

Corroborando as ideias dos autores supracitados, vemos o gesto enquanto aspecto multimodal co-atuante na aquisição da linguagem, pois constitui a matriz de linguagem. Logo, seu estatuto não poderia ser considerado pré-linguístico.

Considerando o papel do gesto na aquisição da linguagem, questionamentos mobilizaram a construção deste artigo: que relação pode ser encontrada entre fluência e gesticulação na aquisição de linguagem de uma criança cega? Será que a disfluência comum do processo de aquisição da linguagem repercute na gesticulação?

Partindo da premissa de matriz única entre gesto e fala, este artigo propõe investigar a relação entre fluência/disfluência e gesticulação na aquisição de linguagem de uma criança cega para compreender essa aquisição numa abordagem multimodal. Nesse sentido, analisamos as produções vocais e as gesticulações da criança cega em contextos de interação com a mãe. Para isso, trabalhamos

com dados videografados¹ de uma díade mãe-criança cega, que contém situações cotidianas realizadas em seu ambiente domiciliar durante um período de aproximadamente um ano.

Esses dados longitudinais videografados permite-nos constatar mudanças qualitativas na emergência da fala fluente/disfluente e da gesticulação na aquisição de linguagem de uma criança cega. Logo, este estudo contribuirá para reflexões sobre o funcionamento multimodal da fala fluente/disfluente durante o percurso da trajetória linguística de uma criança com cegueira.

1. Relação entre fala/fluência e gesticulação numa abordagem multimodal

A premissa de que gesto e fala estão integrados numa mesma matriz de significação é defendida por Butcher e Goldin-Meadow (2000), Kendon (2000); McNeill (1985, 1992, 2000). Essa relação entre gesto e fala enquanto matriz única corrobora a perspectiva de que o funcionamento da linguagem é multimodal (FONTE, 2011a).

Gestos e fala são organizados e sincronizados entre si (BUTCHER e KENDON, 2000; GOLDIN-MEADOW, 2000; MCNEILL; DUNCAN, 2000;), sendo semanticamente e pragmaticamente co-expressivos (MCNEILL, 2000), pois seus usos ocorrem em parceria para produzir uma mensagem tanto em sincronia temporal quanto em coerência semântica.

Essa sincronia entre gesto e fala tem relação com a ação do locutor de expressar o mesmo sentido com o uso de ambos os canais simultaneamente, confirmando a premissa de que gesto e fala constituem um sistema integrado, conforme afirmam Butcher e Goldin-Meadow (2000). Por outro lado, vale salientar que mesmo coordenados entre si, gesto e fala são formados por dois processos independentes, mas que contribuem para uma mesma finalidade, a de organizar a informação a ser produzida verbalmente (KITA, 2000).

Em relação à produção da fala e dos gestos enquanto processos distintos e independentes, Goldin-Meadow (2009: 106) menciona que a fala transmite o significado “²contando com palavras codificadas e dispositivos gramaticais” (tradução nossa) e o gesto faz uso da imagem visual e mimética para conduzir uma mensagem.

Os gestos são definidos, por Laver e Beck (2001), como qualquer movimento de uma ou mais partes do corpo realizado pelo indivíduo e expresso numa configuração espacial. Para definir o termo gesto,

¹ Extraídos da minha tese de doutorado intitulada “O funcionamento da atenção conjunta na interação entre mãe-criança cega” e defendida no Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba em 2011.

² *relying on codified words and grammatical devices.*

McNeill (2000) afirma que é preciso considerá-lo no plural. Logo, sugere pensar em **gestos**, pois há diversos movimentos incluídos na modalidade gestual da linguagem. Para distinguir movimentos denominados por gestos, o autor retoma a classificação da tipologia gestual: gesticulação, pantomima, gestos emblemáticos e Língua de Sinais, proposta por Kendon (1982).

Kendon (1982) classifica os gestos com base em quatro contínuos: contínuo 1 (relação com a produção de fala); contínuo 2 (relação com as propriedades linguísticas); contínuo 3 (relação com as convenções), contínuo 4 (relação com o caráter semiótico), conforme quadro abaixo:

	Gesticulação	Pantomima	Emblemático	Língua de Sinais
Contínuo 1	Presença obrigatória de fala	Ausência de fala	Presença opcional de fala	Ausência de fala
Contínuo 2	Ausência de propriedades Linguísticas	Ausência de propriedades Linguísticas	Presença de algumas propriedades linguísticas	Presença de propriedades Linguísticas
Contínuo 3	Não convencional	Não convencional	Parcialmente convencional	Totalmente Convencional
Contínuo 4	Global e sintética	Global e analítica	Segmentado e sintético	Segmentada e analítica

QUADRO 1 – TIPOS DE GESTOS

Fonte: McNeill (2000, p. 5)

McNeill (2000) observa que, em geral, a ausência da fala na produção do gesto correlaciona-se com a ausência ou presença de propriedades linguísticas convencionais. A tendência é que, na presença obrigatória da fala, como no caso da gesticulação, há ausência de propriedades linguísticas e de caráter convencional, enquanto que na ausência obrigatória da fala, as propriedades linguísticas e o caráter convencional estão presentes, como nas Línguas de Sinais. Essa correlação, por sua vez, não se aplica à pantomima, que, segundo o autor, é produzida na ausência da fala e de propriedades linguísticas.

O foco deste artigo é na relação entre fluência/disfluência e gesticulação de uma criança cega. Desse modo, interessa-nos estudar as gesticulações, que segundo McNeill (2000), são gestos que acompanham o fluxo da fala, precisam da fala para surgir, não são convencionais e relacionam-se as marcas individuais de cada falante. Nesse tipo de gesto, incluem os movimentos de braços, de cabeça, de pernas, ou seja, todos os movimentos corporais que ocorrem concomitantemente com a fala (FONTE, 2011a).

Ao analisar duas díades mãe-bebê em condições típicas, ou seja,

sem necessidades visuais, Cavalcante (2012) constatou que, nos meses iniciais, a presença da gesticulação era pequena. Essa frequência gestual reduzida é justificável, pois esse tipo de gesto tem relação direta com o fluxo da fala, já que sua produção depende da presença da fala e inicialmente a vocalização da criança é ainda bem pontual. O início da produção gestual do bebê ocorreu entre os oito e nove meses. Neste período, os gestos eram produzidos de maneira desajeitada e desordenada e com incentivo inicial da mãe. A partir dos 12 meses, a criança passou a produzir gestos independentes da ação materna.

Cavalcante e Brandão (2012) ressaltam o papel da gesticulação como uma das primeiras pistas de fluência na fala. Esse tipo de gesto depende da fala para acontecer, tendo a função de garantir sua continuidade. As autoras ressaltam que, mesmo no período aquisicional característico do balbucio, a gesticulação acompanha a produção vocal do bebê, salientando que este tipo de gesto faz parte de uma mesma matriz cognitiva junto com a fala.

Recentemente, em estudo longitudinal entre mãe e bebê sem necessidades especiais visuais, Da Fonte et al (2014) verificaram que a gesticulação do bebê é caracterizada por movimentos desordenados e não fluidos por volta dos 6 meses de vida da criança. Posteriormente, esse tipo de gesto expressa movimentos mais fluidos, conforme mostra os dados, nos quais a criança encontra-se com 14 meses. Logo, o funcionamento fluente ocorre na fala e na gesticulação da criança no decorrer da trajetória linguística infantil.

Ao buscar definir a fluência, Scarpa (2006) observa que esse conceito é tratado nos trabalhos pela sua negativa, ou seja, pelo que é visto como disfluência. Essa tendência pode ser explicada pelo fato de os estudos sobre fluência estarem predominantemente concentrados no campo de estudo dos distúrbios e da terapia de linguagem. A disfluência é tratada como o termo marcado e desviante, ou seja, algo que foge ao fluxo natural da fala, como: repetições de sílabas, prolongamentos de sons, interrupções do fluxo de fala (bloqueios), etc. Em contrapartida, a fluência é o termo não marcado e considerado ideal. A autora acredita que o sujeito fluente é uma abstração, uma vez que a linguagem em uso é faltosa e incompleta.

A disfluência é um fenômeno comum e natural na fase em que as crianças estão estruturando sua linguagem (MERÇON e NEMR, 2007). Esse tipo de disfluência é caracterizado por hesitações e repetições esporádicas de sílabas ou palavras (ANDRADE, 1999). O período dessa disfluência infantil contempla a faixa etária aproximada de dois a três ou quatro anos de idade e ocorre principalmente no início da unidade entonacional (SCARPA, 1995, 2006, 2014).

Ao analisar dados de crianças na faixa etária aproximada de 22 meses a 3 anos, Scarpa (1995, 2006) observou que a disfluência infantil

manifesta-se por alguns traços prosódicos como: variações na velocidade de fala, divisão do enunciado em blocos rítmicos, modificação na duração das vogais e de algumas consoantes.

Em trabalho recente, a autora sugere uma atenção especial a gagueira natural. Para ela, esse tipo de disfluência indica fazer parte de "um caminho de aquisição das estruturas prosódicas (rítmicas e entonacionais) da criança do que indicações de futura patologia" (SCARPA: 119).

Scarpa e Fernandes-Svartsman (2012) propõem que fluência e disfluência podem ocorrer na língua a partir de pressões semânticas, pragmáticas, comunicativas e prosódicas. As disfluências tendem a surgir em pontos específicos do enunciado prosódico, principalmente no início dos domínios prosódicos (frase fonológica ou frase entonacional), é mais raro ocorrer nas sílabas finais das unidades rítmicas e entoacionais.

Estudar o funcionamento da fluência/disfluência da fala juntamente com o da gesticulação é um caminho produtivo para compreender a aquisição da linguagem numa perspectiva multimodal.

A seguir, discutiremos aspectos gestuo-vocais da linguagem nas especificidades da cegueira, para em seguida, analisar longitudinalmente as produções vocais e as gesticulações da criança cega em interações com a mãe, de forma a compreender a relação entre fluência/disfluência e gesticulação e conseqüentemente a aquisição da linguagem numa abordagem multimodal.

2. Aspectos gestuo-vocais da linguagem da criança cega

Em estudos anteriores (FONTE, 2009, 2011a, 2011b, 2012) salientamos a existência do funcionamento multimodal da linguagem em interações entre mãe e criança cega, atravessado por diferentes planos multimodais, olhar, tocar, gestual, verbal e prosódico.

Nessas interações, o toque enquanto estatuto do apontar, os gestos imperativos e as vocalizações realizados pela criança cega contribuíram para direcionar a atenção materna ao foco da interação. Para isso, em geral, a criança associava gestos e produções vocais. Na trajetória linguística infantil, evidencia-se que a matriz gesto e fala foi se consolidando numa única instância significativa durante a constituição da interação de atenção conjunta (FONTE, 2009, 2011a).

Além disso, os gestos maternos utilizaram o sentido tátil como recurso interativo, uma vez que envolveram o toque, o qual possibilitou à criança cega perceber esses gestos e simulá-los (FONTE, 2006, 2009, 2011b). Conforme destacamos, o toque serviu de base para a produção e percepção gestual da criança cega. Logo, o tato funcionou como

sentido primordial na construção e percepção dos gestos pela criança cega na interação com a mãe.

Com o uso da fala associada aos gestos, que dependem do sentido tátil para serem percebidos e representados, a mãe possibilita que a criança com cegueira participe da interação, tornando-a concreta e contextualizada (FONTE, 2009).

No estudo de Preisler (1995), as crianças cegas reagiam à iniciativa de interação da mãe através de vocalizações, sorrisos ou movimentos corporais. Além disso, usavam as sobrancelhas e movimentos corporais como sinais na conversação. Em substituição ao apontar convencional, em situações específicas, produziam apontares com a cabeça ou parte superior do corpo diante da presença de sons. Já as mães usavam suas vozes e o tocar para estabelecer contato com a criança cega.

Iverson e Goldin-Meadow (1997) compartilham com o autor supracitado que, diante da ausência do gesto de apontar, a criança cega pode usar pistas corporais para se comunicar. Além do gesto de apontar, o documento do MEC (BRASIL, 2004) acrescenta que, outros gestos realizados com a mão, assim como as expressões faciais e os olhares presentes na criança que enxerga, são substituídos pela criança cega, por outros movimentos corporais, entre eles: agitar os braços, a cabeça, o tronco, os pés e as mãos.

Em contrapartida, em estudo realizado com crianças e adolescentes cegos congênitos, Iverson e Goldin-Meadow (2001) constataram que a falta da visão não impedia a produção dos gestos, uma vez que todos os participantes cegos gesticularam espontaneamente durante a fala mesmo interagindo com seus semelhantes, de maneira semelhante aos videntes. Seus dados sugerem que a gesticulação acompanha o processo da fala concluindo que o surgimento dos gestos não depende da capacidade do falante de percebê-los visualmente.

Iverson et al (2000) observaram que a produção gestual da criança cega é menos frequente em comparação à criança vidente e a maioria dos gestos produzidos por ambas as crianças foram gestos dêiticos que serviram para indicar ou chamar a atenção para o referente, isso sugere que o modelo visual não é primordial para as crianças descobrirem que as mãos e o corpo podem ser usados com intuito comunicativo.

Desse modo, mesmo na falta da experiência visual, Iverson e Goldin-Meadow (1997, 2001) constataram que os falantes cegos gesticulam e os gestos utilizados por eles assemelham-se aos gestos dos falantes não cegos tanto no conteúdo como na forma, isto é, são usados para transmitir a mesma informação.

Apesar dessa similaridade, Iverson e Goldin-Meadow (1997) afirmam que em relação ao uso dos gestos dêiticos ou de apontar é encontrada uma diferença marcante entre as crianças cegas e aquelas que enxergam, uma vez que nas primeiras há uma dificuldade de estabelecer uma linha de atenção visual proporcionada pelo apontar, que corresponde a uma linha de referência entre os olhos do apontador, o dedo indicador e o referente gestual. Logo, diante da ausência de visão, o uso do apontar fica comprometido na criança cega.

No estudo de Iverson et al (2000), para chamar atenção para objetos específicos no ambiente, a criança cega em substituição ao gesto de apontar convencional, com o dedo indicador, fazia uso de outra configuração: o apontar com a palma da mão. O uso desse gesto ainda ocorreu, com predominância, para referir a objetos que estavam dentro do alcance da criança e que ela podia tocar. Já as crianças videntes usaram esses gestos principalmente para comunicar sobre objetos localizados distantes. Essa particularidade da criança cega pode ser justificável pelo fato de a comunicação de crianças cegas ser mais restrita para o contexto imediato, já que elas não podem contar com o apoio visual para usar gestos para se referir a objetos localizados fora de sua percepção imediata.

Nos resultados desse estudo foi observado o uso de gestos convencionais semelhantes entre crianças cegas e não cegas, como movimentar a cabeça em sinal de negação, acenar as mãos para dizer "oi" ou "tchau" e aplaudir diante de aprovação ou excitação de um evento. Somente dois gestos convencionais realizados pelas crianças não cegas, as crianças cegas não produziram: movimentar com a cabeça indicando *sim* e sacudir as mãos com as palmas levantadas para indicar "eu não sei" ou "onde" (IVERSON et al, 2000).

Iverson et al (2000) justificam que apesar de a criança cega não poder fazer uso do modelo visual para adquirir gestos convencionais, o seu surgimento é viabilizado de maneira semelhante a crianças não cegas: em contextos de rotinas entre a mãe/cuidador e a criança.

De acordo com os trabalhos de Iverson et al (2000) e Iverson e Goldin-Meadow (1997, 2001), vimos que a produção dos gestos não depende da capacidade visual da criança, uma vez que os gestos estão presentes na criança cega, acompanhando o percurso da fala. Esse dado reforça o fundamento de McNeill e Kendon de que gesto e fala formam um sistema unificado.

A seguir analisaremos a fluência/disfluência e a gesticulação da criança cega em contextos interativos com a mãe.

4. Relação entre fluência/disfluência e gesticulação na criança cega: uma análise multimodal

Para a análise multimodal da relação entre fala e gesticulação, apresentaremos cinco cenas em que a criança interage com a mãe, de forma a refletir sobre o funcionamento longitudinal da fluência/disfluência da fala e da gesticulação na especificidade da cegueira.

Cena 1: Mãe oferece água para a criança cega
Idade da criança: 1 ano, 10 meses e 11 dias

PLANOS MULTIMODAIS			
T	VERBAL (Mãe)	GESTUAL (Criança)	VERBAL (Criança)
05	08:51 -08:52 [[qué mais água?]]	[[com a cabeça erguida e estática]]	
06		08:53 ((toca no copo com a palma da mão)) ((afasta o copo))	((um)) ((um))

Nessa primeira cena interativa, no momento em que a mãe questiona ao filho cego se aceita água, ele responde através de produções vocais e gestuais. Primeiramente, ao tocar com a palma da mão no copo, a criança produz o fragmento /um/, que, em seguida, é repetido sem pausa no seu fluxo de fala. Esse segundo fragmento sonoro é integrado ao gesto de afastar o copo de si. Observamos que a criança incorpora gesto e fala para negar seu interesse pela água, conforme observamos no turno 6 (no tempo de 08min53s).

Os fragmentos /um um/ produzidos em sequência pela criança cega são constituídos por blocos prosódicos monossilábicos e repetitivos, caracterizados pelo contorno entonacional ascendente. Esses significantes produzidos são culturalmente expressivos de conteúdo de negação.

Constatamos, nessa primeira cena, que a coincidência temporal entre o gesto e a vocalização põe em evidência o funcionamento multimodal da linguagem da criança cega. Além disso, percebemos uma coerência semântica nas produções gestual e vocal, sugerindo a tese defendida por McNeill (2000) de que gesto e fala são semanticamente e pragmaticamente co-expressivos na interação.

Cena 2: Mãe promove uma situação para que o filho cego ande independente pelo quintal. Ele choraminga enquanto caminha, aproximando-se da mãe.
Idade: 1 ano, 11 meses e 16 dias

PLANOS MULTIMODAIS		
T	GESTUAL (Criança)	VERBAL (Criança)
05	10:05 ((Com expressão facial tensionada, mantém o braço direito estático e flexionado e realiza movimentos repetidos e discretos com o braço esquerdo semifletido))	((i bi i: bi))

Na cena 2, ao caminhar pelo quintal, a criança cega mantém uma expressão facial tensionada, o braço direito estático e flexionado e o esquerdo semifletido em movimento.

A gesticulação acontece através de movimentos discretos e repetidos do braço esquerdo semifletido na mesma ocorrência temporal que emite os significantes: / i bi i: bi/. Nessa produção verbal, vemos a presença de repetições das sílabas /i bi/ e prolongamento da vogal /i/ na segunda produção vocal infantil, caracterizando uma fala disfluente, comum ao processo de aquisição da linguagem.

A gesticulação, que acompanha essa produção vocal, é constituída por movimentos repetidos. Logo, há também uma disfluência natural na gesticulação. Além disso, a postura gestual flexionada e estática do braço direito sugere presença de tensão muscular, assim como se apresenta a face da criança. Essas posturas gestuais tensionadas dificultam que a criança gesticule com essas partes do corpo.

Considerando que a gesticulação favorece a fluência da fala, a ausência deste tipo de gesto diante da presença de tensão de partes distintas do corpo também pode influenciar o fluxo fluente da fala.

Esse contexto interativo indica que a disfluência natural da fala no processo de aquisição da linguagem repercute na gesticulação e vice-versa. Logo, a construção do contínuo de fala ocorre integrado ao contínuo gestual.

Cena 3: A criança cega começa a cantar a cantiga de ninar quando a mãe desliza a escova de cabelo pelo seu corpo. A criança encontra-se nos braços da mãe.

Idade: 2 anos, 1 mês e 21 dias

PLANOS MULTIMODAIS				
T	GESTUAL (Mãe)	VERBAL (Mãe)	GESTUAL (Criança)	VERBAL (Criança)
15	10:06 [[desliza o objeto pelo corpo da criança]]	(voz suave, mesmo ritmo do ninar) [[a'a'a':]]	[[mexe os braços com movimentos curtos, na direção do movimento do objeto sobre corpo]]	(volume baixo e ritmo do ninar) [[a'a'a':]]
16	10:08 [[continua a deslizar o objeto pelo corpo da criança]]			[[a']]
17	10:10 [[mantém o mesmo movimento]]		[[franze a testa e coça o corpo com as mãos]]	(aumenta o volume alto, ritmo do ninar) [[a'a'::]]

Na cena interativa 3, a criança cega emite uma cadência repetitiva e rítmica da canção do ninar, caracterizada pela sequência sonora monossilábica /a'a'a':/. Esta sequência vocal foi recortada pela mãe com a mesma marcação rítmica. Desse modo, a criança e a mãe usaram a pantomima vocal ao simular uma situação de conforto, o ninar para dormir.

A produção vocal da criança referente à cantiga de ninar é acompanhada pela gesticulação dos braços através de movimentos suaves em direção ao objeto (turno 15- 10min06s). Podemos pensar num jogo rítmico entre gesto e fala, constituído por gesticulação com movimentos discretos, suaves e fluidos e por vocalização também discreta, uma vez que foi marcada prosodicamente pelo volume vocal baixo e pelo ritmo característico do ninar. Observamos um funcionamento rítmico da fluência gestuo-vocal.

No turno 16 (tempo de 10min08s), a mãe engaja-se nesse mesmo jogo rítmico ao emitir a canção de ninar com a mesma marcação rítmica. Esse contexto de conforto é modificado, no momento em que a criança cega realiza gesto facial ao franzir a testa configurando uma expressão facial tensa ao mesmo tempo em que produz as sequências rítmicas das vogais: /a' a:::/ com a intensidade vocal forte, mostrando insatisfação em continuar com a atividade interativa.

Destaca-se, nessa cena, uma relação sincrônica e coerente entre a fala com suas marcações prosódicas e a gesticulação. Em situação de prazer, a gesticulação suave e fluida acompanhou uma marcação rítmica com sonoridade também suave e discreta da fala da criança. Já em

situação de desprazer, a expressão facial tensa veio acompanhada da fala com um volume vocal alto.

Cena 4: Mãe estimula o resíduo visual ³ da criança com uma lanterna.
Idade: 2 anos, 4 meses e 18 dias

PLANOS MULTIMODAIS		
T	GESTUAL (Criança)	VERBAL (Criança)
05	11:28[[estende os braços para frente, inclinando discretamente seu corpo na mesma direção]]	(volume baixo) [[dei mainha']]

Na cena interativa 4, com o objetivo de dirigir, influenciar ou manipular o comportamento da mãe para que lhe entregue o objeto, a criança cega articula gesto e fala numa matriz única significativa.

Vemos o funcionamento sincrônico entre gesto e fala fluentes, pois a criança cega movimenta os braços e o corpo na direção do objeto na mesma ocorrência temporal em que produz em fluxo de fala contínuo o enunciado: {dei mainha'}.

A fala acompanhada da gesticulação caracterizada pelo movimento corporal mostra o funcionamento fluente gestuo-vocal numa mesma matriz de produção e significação.

Cena 5: mãe e criança cega brincam com uma bola na sala da casa.
Idade: 2 anos, 7 meses e 20 dias

PLANOS MULTIMODAIS		
T	GESTUAL (Criança)	VERBAL (Criança)
38	08:21 [[sorri e dá pulos de ponta de pé no chão]]	(volume alto) [[CHUTÔ::]]

Essa última cena interativa entre a mãe e a criança cega envolve uma situação de brincadeira com a bola, na qual a criança demonstra seu entusiasmo em participar da brincadeira por meio da gesticulação caracterizada pelos movimentos das pernas ao pular repetidas vezes de

³ A criança apresenta apenas percepção luminosa.

ponta de pé. Ao mesmo tempo, a criança produz a palavra {CHUTÔ::} com um volume vocal alto e ao aumentar a duração da palavra emitida através do alongamento de sua última sílaba. Desse modo, destacou a palavra do seu contínuo de fala. Há uma coerência pragmática entre a produção gestual e a verbal.

Constatamos que tanto a fluência da fala quanto a gesticulação foram realçadas na cena. A produção verbal foi enfatizada pela prosódia, ao alongar a duração da emissão da palavra e ao aumentar o volume vocal. Já a gesticulação foi destacada pelos movimentos repetidos da perna no chão. Logo, a produção gestuo-vocal da criança foi constituída pelo funcionamento sincrônico e contínuo da fala e da gesticulação.

Ao acompanhar longitudinalmente a trajetória linguística da criança cega, inicialmente, observamos a emergência de blocos prosódicos (cenas 1 e 3) ou fragmentos silábicos repetitivos (cena 2). A repetição no fluxo da fala ocorreu em cadência rítmica vocal e gestual (cena 3) ou associada ao prolongamento do som (cena 2), neste caso, parte do corpo estava estática e outra realizou movimentos gestuais repetidos. Evidenciamos uma disfluência na produção vocal e na gestual, natural do processo de aquisição da linguagem. Posteriormente, vemos a emergência de palavras (cena 5) e de blocos de enunciados, ou seja, da produção de frases no contínuo de fala. Nessas últimas cenas, a gesticulação também acompanhou e integrou a fala, mostrando a ocorrência mútua dos planos multimodais gestual e verbal.

Considerações finais

Os dados longitudinais analisados revelam um funcionamento multimodal da linguagem da criança cega, no qual o contínuo gestual acompanha o contínuo de fala fluente ou disfluente no processo de aquisição da linguagem.

Observamos uma influência mútua entre gesticulação e fluência, uma vez que diante do fluxo de fala constituído por repetições ou por prolongamentos de sons a gesticulação também foi configurada por movimentos repetidos. Já no contínuo de fala fluente a gesticulação apresentou movimentos corporais mais precisos e fluidos. Vimos que a fluência/disfluência reflete na gesticulação.

Há uma relação indissociável entre gesticulação e fala fluente/disfluente. Logo, a construção do contínuo gestual ocorre em sincronia e integrado à construção do processo de fluência da fala da criança cega.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, C. R. F. *Diagnóstico e intervenção precoce nas gagueiras infantis*. 1ª. ed. v.1. Barueri: Pró-Fono, 1999.
- BRASIL. *Saberes e práticas da inclusão: dificuldade de comunicação e sinalização: deficiência visual*. 2ª.ed. Brasília: MEC, SEESP, 2004.
- BRUNER, J. The ontogêneses of speech acts. *Jornal Child Language*, 2: 1-19, 1975.
- _____. *Child's talk: learning to use language*. New York: W.W Norton & Company, 1983.
- BUTCHER, C.; GOLDIN-MEADOW, S. Gesture and the transition from one-to two-word speech: when hand and mouth come together. In: MCNEILL, D. (ed.). *Language and Gesture*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000, p. 235-257.
- CAVALCANTE, M. Rotinas interativas mãe-bebê: constituindo gêneros do discurso. *Investigações* (UFPE. Impresso), 21: 153-170, 2009.
- _____. Hologestos: produções linguísticas numa perspectiva multimodal. *Revista de Letras* (Fortaleza), 31: 7-14, 2012.
- _____.; BRANDÃO, L. Gesticulação e Fluência: contribuições para a aquisição da linguagem. *Cadernos de Estudos Linguísticos* (UNICAMP), 1: 55-66, 2012.
- FONTE, R. *Estratégias maternas na interação com gêmeos, cego e vidente na aquisição da linguagem*. 2006. 131f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2006.
- _____. A subjetividade e a constituição do sujeito na relação mãe-filho cego. In: OLIVEIRA, E.; FERREIRA, S.; BARRETO, T. A. (Org.). *As interfaces da Clínica com Bebês*. Recife: Bagaço, 2009, p. 17-516.
- _____. *O funcionamento da atenção conjunta na interação mãe-criança cega*. 315f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal da Paraíba, 2011a.
- _____. A linguagem e seu funcionamento na interação mãe-criança cega. In: AZEVEDO, N.; FONTE, R. (Org.). *Aquisição da linguagem, seus distúrbios e especificidades: diferentes perspectivas*. 1ª ed. Curitiba: Editora CRV, 2011b, p. 53-70.
- _____. Gesto e fala da criança cega em aquisição da linguagem: constituindo uma cena de atenção conjunta com a mãe. In: Jornada Nacional do Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste, 2012, Natal. *Anais da XXIV Jornada Nacional do Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste*. Natal: EDUFRN, 2012.
- DA FONTE, R. et al. A matriz gesto-fala na aquisição da linguagem: algumas reflexões. In: RÉGO BARROS, I. et al. *Aquisição, desvios e práticas de linguagem*. Curitiba: Editora CRV, 2014, p. 11-26.
- GOLDIN-MEADOW, S. The role of gesture in communication and thinking. *Trends in Cognitive Sciences*. 3 (11): 419-429, 1999.

- _____. How Gesture Promotes Learning Throughout Childhood. *Journal Compilation*. 3 (2): 106–111, 2009.
- IVERSON, J.; GOLDIN-MEADOW, S. What's Communication Got to Do With It? Gesture in Children Blind From Birth. *Developmental Psychology*, 33 (3): 453-467, 1997.
- _____.; _____. The resilience of gesture in talk: gesture in blind speakers and listeners. *Developmental Science*, 4 (4): 416-422, 2001.
- _____.; _____. Gesture Paves the Way for Language Development. *American Psychological Society*. 16 (5): 367-371, 2005.
- _____.; et al. The relation between gesture and speech in congenitally blind and sighted Language-learners. *Journal of Nonverbal Behavior*, 24(2): 105-130, 2000.
- KENDON, A. *The study of gesture: some remarks on its history*. New London: Recherches sémiotiques/semiotic inquiry, 1982.
- _____. Language and gesture: unity or duality? In: MCNEILL (ed.) *Language and gesture*, Cambridge University Press, 2000, p. 47-63.
- _____. *Gesture: Visible action as utterance*. Cambridge, UK: Cambridge University Press. 2004.
- KITA, S. How representational gestures help speaking. In: MCNEILL (ed.), *Language and Gesture*, Cambridge: Cambridge University Press. p. 162-185, 2000.
- LAVIER, J.; BECK, Unifying principles in the description of voice, posture and gesture. In: CAVE, C.; GUAITELLA, I. *Interactions et comportement multimodaux dans la communication*. Paris, L'Harmattan, 2001, p. 46-63.
- MCNEILL, D. So you think gestures are nonverbal? *Psychological Review*. v. 92(3): 350-371, 1985.
- _____. *Hand and Mind: What Gestures Reveal About Thought*. Chicago, IL: University of Chicago Press, 1992.
- _____. Introduction. In: MCNEILL, D. (ed.). *Language and Gesture*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.
- _____.; DUNCAN, S. Growth points in thinking for speaking. In: MCNEILL (ed.), *Language and Gesture*, Cambridge: Cambridge University Press, 2000, p. 141-161.
- MERÇON, S. A. A., NEMR, K. Gagueira e disfluência comum na infância: análise das manifestações clínicas nos seus aspectos quantitativos e qualitativos. *Revista do CEFAC*: São Paulo, 9 (2): 174-179, 2007.
- PREISLER, G. The development of communication in blind and in deaf infants – Similarities and differences. *Child: care, health and development*, 21 (2): 79-110, 1995.
- ROWE, M.; GOLDIN-MEADOW, S. Early gesture selectively predicts later language learning. *Developmental Science*, 12(1): 182–187, 2009.
- SCARPA, E. M. Sobre o sujeito fluente. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, 29: 163-184, 1995.

Da Fonte, Renata Fonseca Lima. Fluência/Disfluência e Gesticulação: compreendendo a aquisição da linguagem de uma criança cega. *Revista Intercâmbio*, v. XXIX: 202-217, 2014. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759x

_____. (Ainda) sobre o sujeito fluente. In: LIER-DE VITTO, M. F. (Org.). *Sobre a Aquisição, Patologias e Clínica de Linguagem*. 1ed. São Paulo: Editora da PUC-SP, 2006, p. 161-180.

_____.; FERNANDES-SVARTSMAN, F. A estrutura prosódica das disfluências em português brasileiro. *Cadernos de Estudos Linguísticos*. 54 (1): 25-40, 2012.

_____. Disfluências e prosódia na fala infantil: primeiros resultados. In: RÊGO BARROS, I. et al. *Aquisição, desvios e práticas de linguagem*. Curitiba: Editora CRV, 2014, p. 109-120.